

Ele franze a testa. "E você viu isso acontecer com seus próprios olhos?"

Eu balanço minha cabeça. "Não. Mas aconteceu do mesmo jeito."

Um olhar de descrença toma conta dele. Ele começa a andar lentamente na minha frente, mãos atrás das costas. "Diga-me, então... Qual é seu nome, afinal?

Ou devo apenas chamá-lo de peixinho?"

Eu aperto meus lábios. Não vou dizer meu nome a ele, e ser chamado de peixe não é um insulto de onde eu venho.

"Peixinho, então", ele diz, e embora seu rosto esteja muito sério, eu pego um olhar de alegria em seus olhos. "Então me diga: por que eu deveria usar minha magia para te dar pernas? O que eu ganharia com isso? Se eu fizesse de você um humano, certamente você perderia todas as propriedades especiais em seu sangue, a mesma coisa que eu desejo."

"Como você sabe que isso aconteceria?" Eu pergunto a ele. "Tudo o que você precisa me dar são pernas. Eu posso ficar com minhas gnelras. Posso manter minha habilidade de respirar debaixo d'água. Posso manter minha vida longa. Você não precisa mudar meu sangue."

Ele me estuda por um momento. "Por que você quer pernas?"

"Não seria mais fácil para você me controlar? Você não pode me manter nesta sala para sempre. Eventualmente, alguém vai me descobrir. Você mesmo disse: meus gritos chamariam atenção. Portanto, isso significa que há uma audiência a ser conquistada. Se eu tivesse pernas, você poderia me fazer passar por talvez uma mulher que naufragou."

"Sim," ele diz lentamente. "Eu poderia fazer isso, embora eu precisasse descobrir uma maneira de impedir que você escapasse, de falar com os aldeões. Você não seria mais livre do que é agora. Então eu quero que você responda à pergunta: por que você quer pernas? O que há nisso para você?"

"Acho que vou experimentar algo novo antes de morrer," eu digo a ele.

É a verdade parcial.

"Falando em morte, você não parece temê-la", ele diz, dando um passo hesitante para frente, seu olhar procurando meu rosto. Não sei dizer se ele tem medo de se aproximar por minha causa... ou por causa dele mesmo.

"Eu temo a morte", admito baixinho. Se eu não confessasse, não tenho dúvidas de que ele tentaria me fazer temê-la de maneiras torturantes.

"Mas você nunca tentou implorar por sua vida. Pelo menos, não realmente."

"Talvez eu esteja implorando." Talvez eu já tenha passado por coisas piores antes e sobrevivido para contar a história. Você não consegue vagar pelos mares sozinha como uma Syren mulher sem se meter em problemas.